

**UNIVERSIDADE DE UBERABA
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**ARTHUR OLIVEIRA SANTOS
EUGÊNIO AUGUSTO CÂNDIDO BONTADINI**

**CORPO E MÍDIA:
uma revisão sobre o Transtorno Dismórfico Corporal**

**UBERABA
2022**

Arthur Oliveira Santos
Eugênio Augusto Cândido Bontadini

CORPO E MÍDIA:
uma revisão narrativa sobre o Transtorno Dismórfico Coporal

Artigo apresentado como requisito parcial para
a disciplina Trabalho de Conclusão de Curso,
pela Universidade de Uberaba.

Orientador: Prof. Me. Rafael Silvério Borges

Uberaba

2022

CORPO E MÍDIA: UMA REVISÃO NARRATIVA SOBRE O TRANSTORNO DISMÓRFICO CORPORAL

Resumo: Utilizando de um recorte histórico, a revolução industrial permitiu o desenvolvimento científico para o surgimento de novas máquinas e aparelhos que atendessem desde as necessidades ligadas ao trabalho até ao lazer e entretenimento. A tamanha expansão destes conhecimentos permitiu que as redes sociais, através dos aparelhos celulares, fossem popularizadas e acessíveis progressivamente à sociedade, protagonizando os adolescentes enquanto consumidores constantes. Os transtornos de imagem têm como provável causalidade a atribuída sociedade digital, destacando a somatização patológica, o exibicionismo como conteúdo constante das redes sociais e dos constructos que associam o funcionamento dessa mesma sociedade como Sociedade do Espetáculo, apoiado em constructos dos teóricos Guy Debord e Zygmunt Bauman, apontando a insatisfação e frustração constante resultante da Sociedade Líquida. Desta forma, frente a exposição e funcionamento das redes sociais, o presente trabalho tem como objetivo discorrer sobre a influência das mídias sociais como agente patológico no surgimento e agravo do Transtorno Dismórfico Corporal, discorrer sobre a maior suscetibilidade na adolescência, bem como elucidar possíveis manejos e prevenções na crescente influência digital ao desenvolvimento da personalidade.

Palavras-chave: Sociedade do Espetáculo. Sociedade Líquida. Transtorno Dismórfico Corporal. Adolescência. Redes sociais.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 3 |
| 2. REFERENCIAL TEÓRICO | 5 |
| 3. OBJETIVO GERAL | 7 |
| 3.1 Objetivos específicos | 7 |
| 4. MATERIAL E MÉTODOS | 7 |
| 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO..... | 8 |
| 5.1 Corpo ideal e corpo real: o contraste do sofrimento mental | 8 |
| 5.2 Adolescência, personalidade e redes sociais: a tríade do acometimento..... | 11 |
| 5.3 Estancando a ferida digital: manejo e prevenção do transtorno. | 13 |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 15 |
| 7. REFERÊNCIAS | 17 |

1. INTRODUÇÃO

A Revolução Industrial deu início ao desenvolver expressivo de automação das atividades humanas que atendessem às demandas ambientais na produção de elementos essenciais à vida, exigindo menos esforço físico ao passo do advento da automação, como destaca Ferreira (1964). Assim como explicitado por SILVEIRA e LIMA (2003), a tamanha revolução eclodiu a partir do surgimento das máquinas à vapor que contribuíram no aumento da produção e transformação de matérias primas para produtos finais, manufatura, permitindo que nos séculos posteriores surgissem novas fontes de energia que beneficiassem a produção em massa e a transformação de novas matérias. Saltando para a modernidade do século XXI, os benefícios deste desenvolver científico estenderam-se também para o lazer, na qual progressivamente parte da população, 50%, possa se entreter com aparelhos celulares assim como aponta os dados das pesquisas realizadas de 1994 a 2021 pela StrategyAnalytics quanto a base global de usuários de smartphones (SERVIO; RIGUES, 2021).

A utilização das plataformas digitais de comunicação acabara por provocar: criação de novos empregos frente a capacidade de conectar as pessoas em cadeia produtiva, à aderência digital, logo, fornecendo outras possibilidades de ambientes para expressão humana e modificação da interação com o outro, não somente no trabalho, mas também modificações na economia (MAZINE, 2021 p. 43). As tecnologias da informação são responsáveis por promover e armazenar significativamente trocas de comunicação nas sociedades, a tal ponto que participam nas produções sociais políticas e culturais, englobando diferentes culturas (JUNQUEIRA et al., 2011, 2014).

Para tornar notório tal dimensão, LARANJEIRAS et al. (2021), coloca: “Já são mais de dois bilhões de utilizadores e as Nações Unidas já reconhecem o uso da Internet como direito humano básico por sua possibilidade transformadora de inserir o sujeito no exercício social e político”. Entretanto, apesar da evolução científico-digital que proporcionam acessibilidade em diferentes nacionalidades e faixas-etárias, algumas pesquisas revelam que o uso desenfreado e exagerado na adolescência pode gerar impactos psicossociais preocupantes. Em 2012 foi realizado um estudo por Dr, Larry Rosen que levantou informações correlacionando o uso excessivo de tecnologias digitais por adolescentes e que estes apresentavam potenciais desenvolvimento de psicopatologias como comportamento antissocial, tendências agressivas, ansiedade, depressão, transtornos de atenção e de aprendizagem (ROSEN, 2012 apud SILVA, 2017 e LARANJEIRAS et al., 2021).

Frente ao tema, a exposição e o uso contínuo do público juvenil se torna preocupante ao considerarmos o funcionamento das redes sociais. O armazenamento e a exposição contínua de fotos alteradas por filtros e manipulações de imagem, impulsionam os usuários a adentrarem um padrão estético de distorções corporais que estabelecem padrões de beleza ao passo que definem a padronização a partir da proximidade corporal com as figuras em destaque nas plataformas. Os números alcançados que acompanham os conteúdos das fotos são responsáveis por compor o mecanismo geral de validação e ascensão social das redes digitais, seja estes números destinados aos elementos da foto ou responsável pela produção.

Ao postularmos sobre a frequência de um mesmo evento, podemos pensar na emissão enquanto resultado sequenciado de eventos anteriores que forneceram gratificações, desta forma, possuindo potencial de levar o sujeito a adentrar em repetição. O reconhecimento, a influência, o destaque nas plataformas digitais e a ascensão social conjunta a financeira no modelo capitalista vigente, fazem parte das variantes reforçadoras que elevam a probabilidade de repetição. Após o Behaviorismo clássico na historicidade das ciências do comportamento, a Análise do Comportamento contribui para tal compreensão:

A partir desta interação com o meio e em busca desta previsibilidade do fenômeno almejada pela Análise do Comportamento, percebe-se que alguns comportamentos aumentam de frequência em determinada situação enquanto outros diminuem de frequência. Os comportamentos que apresentam um aumento de frequência são denominados de reforço e os que diminuem de frequência, de punição (CARNEIRO; SILVA, 2020).

A adolescência compreendida enquanto uma fase do desenvolvimento marcada por modificações físicas, psicológicas e ambientais, ocupam importante destaque em pesquisas que visam a necessidade de promover desenvolvimento de forma individualizada e incentivo ao tornar-se adulto capazes de promover autocuidado e cuidado sociais e familiares (Sifuentes et al. 2007, apud Senna & Dessen, 2012, apud ZAPPE & AGLIO, 2016). Dada a exposição contínua dos adolescentes e a conseqüente internalização de ideais estéticos e corporais em detrimento das diferenças com o corpo real do indivíduo, é necessário pensarmos na potência patológica das redes sociais e a suscetibilidade de acometimento do Transtorno Dismórfico Corporal neste grupo, uma vez que o transtorno tem início na adolescência e pode seguir curso crônico, podendo acarretar em prejuízos nos âmbitos familiares, sociais, profissionais e no auto funcionamento (Almeida et al., 2020).

Portanto, considerando a crescente acessibilidade das redes sociais que carrega conjuntamente a influência do universo digital nas interações, as produções divulgadas nestes espaços estão coordenando progressivamente o funcionamento da sociedade na qual cabe canalizarmos atenção para elucidar o funcionamento dos ciberespaços na capacidade de desenvolvimento de psicopatologias dos consumidores frequentes, fomentando constructos que apontem para uma necessidade futura de mediação e possíveis intervenções.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Partindo do mesmo recorte histórico utilizado, o filósofo e cineasta francês Guy Debord, constrói sua teoria central de análise social a partir do capitalismo pós-revolução industrial. A referencial obra intitulada “A sociedade do espetáculo”, tradução do francês *La Société du Spectacle*, foi publicada pela primeira vez em 1967 na nação parisiense e que em 1973 a transformou cinematograficamente. O autor se ocupa de fazer análises sociais que amarram na mesma esteira o novo ritmo de produção acelerada do capitalismo com a sociedade que é controlada pela *imagem*, o espetáculo. A partir da construção de formas de comunicação diretas com a sociedade em períodos que utilizavam de dispositivos arcaicos anteriores a qualquer aparelho digital, os cartazes, folhetos e jornais compunham as ferramentas que interferiam na sociedade tanto quanto a influência atual dos meios de comunicação digital e as redes sociais, implementando ideologias políticas na sociedade e incentivando o consumo na forma sedutora clássica do marketing, vendendo além do objeto. Sob tradução e adaptação brasileira da obra do escritor marxista, deixa notório a crítica direta do poder de dominação midiática da sociedade do espetáculo ao dizer:

Assim, o espetáculo nada mais seria que o excesso do midiático, cuja natureza, indiscutivelmente boa já que serve para comunicar, é por vezes dada a excessos. Com muita frequência, os mestres da sociedade declaram-se mal servidos pelos seus empregados midiáticos; mais amiúde eles censuram à plebe dos espectadores a sua tendência para se entregar sem moderação, e quase bestialmente, aos prazeres midiáticos (DEBORD; DOMENECK, 2013, p. 99).

Outros achados literários de tradução da obra complementam o raciocínio do autor ao expor o processo influente de dominação da mídia, explicitando, (DEBORD; GUEDES, 2003, p. 14), “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas

mediatizada por imagens”, sequencialmente ainda há outro fragmento que aprofunda a construção da narrativa ao colocar (DEBORD; GUEDES, 2003, p. 17):

O espetáculo apresenta-se como algo grandioso, positivo, indiscutível e inacessível. Sua única mensagem é “o que aparece é bom, o que é bom aparece”. A atitude que ele exige por princípio é aquela aceitação passiva que, na verdade, ele já obteve na medida em que aparece sem réplica, pelo seu monopólio da aparência.

As colocações acima fornecem arcabouço para correlação direta com o tema, uma vez que expõem o poder de controle midiático na lógica: se a imagem que se apresenta possui o potencial de estabelecer uma verdade, as distorções corporais apresentadas nas redes sociais podem possuir o mesmo potencial de apresentar um modelo distorcido a ser objetificado. A construção desse solo fértil para que o consumidor direto introjete os padrões de beleza em detrimento do corpo real, desconsiderando as possíveis alterações digitais que o acompanham, podem reforçar a insatisfação da imagem corporal ao passo que percebem o diferencial do próprio corpo com as imagens em destaque gratificadas massivamente no universo digital. (PAIVA; OLIVEIRA, 2015, p. 154) colaboram afirmação da hipótese ao concluírem na tradução e revisão crítica da obra de Debord ao colocarem: “Neste sentido, a crítica de Debord dirige-se a uma sociedade do espetáculo em que os espectadores não encontram o que desejam, mas desejam o que encontram (DEBORD, 1994)”.

Visando buscar outros referenciais teóricos que contribuam na análise literária de descritos que escapem da lógica nosográfica, mas que também apontem a insatisfação frente aos conteúdos das redes sociais, Zygmunt Bauman na construção de sua obra filosófica “Modernidade Líquida”, oferece contribuições que embasam a necessidade de olhar para a liquidez contínua das relações modernas, ao descrever sobre a suscetibilidade de rompimentos e de relações com poucas construções significativas. O filósofo Polonês frequentemente é utilizado como referencial para discussões acerca das relações virtuais, não por acaso, pois ao desenvolver sua teoria destaca a inconstância das relações e as múltiplas exigências igualmente impostas, resultando em indivíduos sobrecarregados da necessidade de adaptação contínua onde a percepção do tempo, acelerada, modifica em instantes o desejável e por conseguinte, gera a insatisfação.

A passagem da fase "sólida" da modernidade para a "líquida" - ou seja, para uma condição em que as organizações sociais (estruturas que limitam as escolhas individuais, instituições que asseguram a repetição de rotinas, padrões de comportamento aceitável) não podem mais manter sua forma por muito tempo (nem se espera que o façam), pois se decompõem e se dissolvem mais rápido que o tempo

que leva para moldá-las e, uma vez reorganizadas, para que se estabeleçam (BAUMAN, 2007, p. 7, apud SILVA; MENDES; ALVES, 2015, p. 250).

Em complemento, as mutações de vivência do tempo frente às exigências de um mundo capitalista na nova formulação da modernidade não sólida e, portanto, líquida, modifica a subjetividade humana a tal ponto que é capaz de nos condicionar para um modelo de retroalimentação do sistema gerador das instabilidades e da insatisfação constantes supracitadas.

Por essa razão, a formação humana colocada em prática na sociedade contemporânea – tendo como um de seus operadores, diferentes espaços escolares – necessitará direcionar os indivíduos desde muito cedo a dois processos básicos: primeiro, a obediência à ordem e à rotina, enquanto preparação para a produção (Bauman, 1999a), e segundo, tornar-se sensível a qualquer sinal de instabilidade, enquanto disparador para a busca de novos objetos/ produtos/mercadorias para sanar a condição de insatisfação (BAUMAN 1999a e 2008b apud SILVA, 2018, p. 118).

3. OBJETIVO GERAL

Cabe a proposta de investigar através de revisão narrativa, o desenvolvimento do Transtorno Dismórfico Corporal, bem como pesquisar nas construções textuais existentes, descritos que apontem para uma possível relação do transtorno com as redes sociais e a adolescência.

3.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Conceituar o Transtorno Dismórfico Corporal destacando aspectos da patologia mental relacionadas ao corpo e a autoimagem.
- Investigar a influência midiática das redes sociais na produção, manutenção ou agravos do transtorno.
- Caracterizar e levantar hipóteses da adolescência como grupo suscetíveis ao acometimento do transtorno específico.
- Elencar possíveis intervenções de prevenção e manejo.

4. MATERIAL E MÉTODOS

No processo de consolidação do trabalho sob método de revisão narrativa, comporta um modelo preferencial na construção integrativa de conhecimentos de diferentes áreas do

conhecimento, além de fornecer espaço crítico para subjetividade dos autores, assim como destaca:

A revisão da literatura narrativa ou tradicional, quando comparada à revisão sistemática, apresenta uma temática mais aberta; dificilmente parte de uma questão específica bem definida, não exigindo um protocolo rígido para sua confecção; a busca das fontes não é pré-determinada e específica, sendo frequentemente menos abrangente. A seleção dos artigos é arbitrária, provendo o autor de informações sujeitas a viés de seleção, com grande interferência da percepção subjetiva (CORDEIRO et al., 2007, p. 429).

Foram utilizadas as plataformas Google Acadêmico e Scientific Electronic Library Online – Scielo, além da consulta direta as versões digitais de 4 livros, para buscar artigos científicos e acadêmicos, na qual, dentre os artigos utilizados, 7 classificados como qualitativos, 1 quantitativo, 1 site, 1 artigo de revista, 10 artigos de revisão literária, 5 artigos de revisão narrativa. Foram descartados 2 artigos, pois não atendiam a compreensão das redes sociais enquanto plataformas digitais, mas sim como redes humanas de apoio ou por incompatibilidade com o tema. O período de levantamento e revisão textual aconteceu de julho a dezembro de 2022, priorizando constructos mais recentes até o ano de 2015. Contudo, cabe destacar que no período de levantamento citado houve disponível arcabouço considerável nos resultados das pesquisas referente ao tema de diferentes áreas do conhecimento. Filosofia, Sociologia, Psiquiatria, Educação Física e História estão entre os conhecimentos perpassados, para além dos argumentos apresentados referentes as análises da Psicologia propriamente no que tange as percepções de produção do sofrimento psicológico, manejo e possíveis intervenções.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 CORPO IDEAL E CORPO REAL: O CONTRASTE DO SOFRIMENTO MENTAL

Compreendendo o surgimento dos transtornos mentais relacionados a autoimagem enquanto consequências do embate mental entre o corpo real e o corpo idealizado do indivíduo, o modelo biomédico que caracteriza as patologias diante de um contexto sintomático fornece possibilidades de pensarmos sobre a patologia a partir da caracterização imediatista, considerando o histórico de evolução do transtorno desde os primeiros descritos. Neste trabalho, daremos ênfase ao Transtorno Dismórfico Corporal (T.D.C) enquanto sinônimo de patologias relacionadas a distorção da própria imagem. No levantamento cronológico do transtorno, de

acordo com BASTOS (2022), “dismorfofobia é o termo original para o TDC e, segundo Silva (2014), foi relatado, inicialmente, por Enrico Morselli em 1886 (Gênova) que fazia referência ao medo da feiura, Janet em 1903 (Paris) descreveu como obsessão com vergonha do corpo e Kraepelin em 1909 (Munique) denominou de *dysmorphophobic syndrome*” (BASTOS et al., 2022, apud SILVA et al., 2014)

O Transtorno Dismórfico Corporal foi definido na 11ª Edição da Classificação Internacional de Doenças (CID-11) como “preocupação persistente com um ou mais defeitos ou falhas na aparência que são imperceptíveis ou apenas ligeiramente perceptíveis para os outros”. Na 5ª edição do Manual Diagnóstico E Estatístico De Transtornos Mentais (DSM-5), publicada em 2014, é possível localizar o Transtorno Dismórfico Corporal associado ao grupo de transtornos obsessivos-compulsivos, por apresentar sintomaticamente comportamentos repetitivos relacionados a checagem das imperfeições e comparações estéticas também excessivas e, por conseguinte, passa a dedicar muitas horas do dia na prática dos rituais compulsórios (PHILLIPS, 2016).

Na revisão textual relacionado ao TDC, é frequentemente percebido uma dicotomia relacionada ao gênero e a diferença em que o transtorno comumente se desenvolve. A Dismorfia Muscular, por exemplo, é apresentada como uma variação do Transtorno Dismórfico Corporal específica aos homens, em que a produção do sofrimento é gerada pelas preocupações excessivas relacionadas ao desenvolvimento muscular do corpo.

Para ampliar o compreensão, na Dismorfia Muscular os comportamentos compulsórios apresentam frequência na realização de atividades físicas excessivas para aproximar o corpo real do corpo ideal internalizado pelo sujeito, incluindo uma predisposição maior para o uso de esteroides, anabolizantes e outros compostos injetáveis para aumentar e destacar os músculos, além de dietas alimentares na mesma proposta de desejar transparecer a ausência de gordura contrastando com exorbitantes curvas formadas pelos músculos (ASSUNÇÃO, 2002).

A partir da possível compreensão do corpo enquanto solo fértil para impactar olhares no espetáculo das redes sociais e do cotidiano os indivíduos podem substituir o espaço de estabelecimento de novas relações significativas para pôr-se enquanto representações espetacularizadas de homens e mulheres na conquista do engajamento social-digital, bem como destacado pelo filósofo Guy Debord (OLIVEIRA; MACHADO et al., 2018).

Considerando os textos revistos, apesar de não haver conceituação específica para o conjunto de características em que o T.D.C é diagnosticado em mulheres, é possível perceber

tais semelhanças que envolvem ideais de magreza excessiva e ausência de pelos, por conseguinte, a procura por tratamentos farmacológicos e cirurgias estéticas. Diante de uma perspectiva sociocultural, mesmo na ausência de diferenciação em como o transtorno se manifesta nas mulheres, este nicho ocupa uma maior suscetibilidade a desenvolver transtornos de distorção da imagem por serem convidadas e expostas, inconsciente e precocemente, a publicidades, como por exemplo, que colocam em pareamento ideais de magreza correlacionado a promessas envolvendo o despertar de um maior interesse sexual externo, além de relacionar, sem critérios, com sinônimos de saúde (SILVA, CARLINI, GALLAS, 2010).

Logo, publicidades envolvendo pílulas e pacotes com produtos para emagrecimento utilizam cinematograficamente trajes glamurosos e cenários de ostentação que reforçam crenças subliminares de maior sucesso como consequência, na qual o protagonismo das produções audiovisuais comumente é desempenhado por figuras femininas, gerando identificação. Sobre as provocações publicitárias supracitadas, parecem, por vezes de maneira não explícita, impelir o desejo dos elementos associados e não propriamente para o produto fornecido, na qual podemos afirmar segundo (OLIVEIRA; MACHADO, 2018), que:

... os anúncios publicitários televisivos, com vistas a sua eficácia, venham a trabalhar efetivamente, porém, de modo implícito, com as categorias de felicidade e infelicidade. Desse modo, o anúncio publicitário não somente apresenta a mercadoria enquanto tal (propriedades, preço, utilidades), mas igualmente a associa a elementos puramente subjetivos (apreço social, provimento de bem-estar familiar, sucesso profissional, afirmação de identidades de gênero, filiação a estilos de vida e/ou ideologias).

Frente às perturbações mentais e compulsórias próprias do transtorno, é possível pensarmos na associação de comportamentos de compras compulsivas de produtos para emagrecimento que prometem ou são compreendidos pelo consumidor como ferramentas de manutenção ou eliminação dos incômodos corporais percebidos. Os argumentos de Bauman (2008, p. 41), para além de complementar os autores acima, OLIVEIRA e MACHADO (2018), estabelece indiretamente, um elo entre o consumismo e a influência na autoimagem:

Pode-se dizer que o “consumismo” é um tipo de arranjo social resultante da reciclagem de vontades, desejos e anseios humanos rotineiros, permanentes... transformando-os na principal força propulsora e operativa da sociedade, uma força que coordena a reprodução sistêmica, a integração e a estratificação sociais, além da formação de indivíduos humanos, desempenhando ao mesmo tempo um papel importante nos processos de autoidentificação individual e de grupo, assim como na seleção e execução de políticas de vida individuais (BAUMAN, p. 41, 2008 apud OLIVEIRA; MACHADO, 2018).

Entretanto, para além de compreender sintomaticamente o Transtorno Dismórfico Corporal, a diferenciação de manifestação entre os gêneros e as possíveis brechas convidativas do mercado farmacológico e estético, uma vez apresentado a perspectiva das redes sociais, é necessário postular sobre um público-alvo comum que esteja frequentemente exposto às produções distorcidas de imagem. Na lógica do teatro clássico, o questionamento: qual grupo compõe a plateia como expectador da dismorfia corporal no espetáculo das redes sociais?

5.2 ADOLESCÊNCIA, PERSONALIDADE E REDES SOCIAIS: A TRÍADE DO ACOMETIMENTO.

Ao pensarmos em grupos que consomem constantemente as redes sociais, a adolescência pode ser pensada como faixa etária que lidera este uso, visto a necessidade de unir-se em tribos sociais que servirá como ferramenta de auxílio no desenvolvimento de uma nova personalidade: não mais infantil, mas também não adulta. De acordo com a psicologia do desenvolvimento de Erikson (1976), a adolescência é a fase da vida entre a infância e a idade adulta, que corresponde a constituição de uma identidade do sujeito, se origina através das relações entre as dimensões biológicas e sociais do sujeito, que se acumulam no decorrer dos anos vividos (Erikson, 1976 apud QUIROGA & VITALE, 2013).

Ao falarmos sobre a identidade do sujeito estamos, também, abarcando aspectos de sua imagem, visto que ela é formada através de questões intrínsecas e das vivências cotidianas do sujeito. Acaba por ser uma condição de arranjo individual onde ele se conhece e é reconhecido, a partir da conexão entre os padrões sociais e das relações até então construídas.

Frente a isso, os adolescentes se deparam numa crise decorrente desse processo de construção da identidade e projeção do futuro, podendo encontrar nas redes sociais espaço para projetar e externalizar inseguranças, bem como encontrar reforços sociais no dinamismo de aprovação das plataformas digitais. Diante do mecanismo digital de aprovação como os números de “curtidas” e a constante aparição de modelos corporais e estéticos específicos, haverá uma provável associação direta entre padrões corporais e o sucesso proveniente destas aprovações, visto que, a mídia por si só acaba reforçando e até mesmo popularizando formas de se atingir o “corpo ideal”, sendo que a indústria da beleza contribui para o surgimento de desejos, ao passo que, reforça imagens, fazendo com que o corpo esteja vinculado a ideia de consumo (LIRA, A. et al., 2017 apud SIQUEIRA & FARIA, 2008).

Na compreensão das tribos sociais ou também conhecidas como tribos urbanas, Michel Maffesoli (1992/2000) descreve as tribos urbanas como sendo agrupamentos semiestruturados de pessoas que se aproximam umas das outras pela identificação comum através de rituais, elementos da cultura que passam a expressar valores e estilos de vida, música, moda e lazeres típicos de um espaço-tempo (OLIVEIRA; CAMILO; ASSUNÇÃO, 2003). Dessa forma, os grupos, para os adolescentes e jovens, se mostram menos repreensivos comparados a família, assumindo assim, um papel de referência social, sendo que dentro das tribos os adolescentes são menos exigidos a negociar perspectivas próprias, podendo encontrar possibilidades de legitimar visões de mundo, sentimentos, percepções, isso tudo decorrente da aceitação, compreensão e identificação que o grupo oferta (OLIVEIRA; CAMILO; ASSUNÇÃO, 2003 apud MARQUES 1996).

Portanto, além das modificações estruturantes da personalidade supracitadas, a insatisfação corporal é também observada como tópico frequente associado à adolescência, justificados pelas modificações biológicas do corpo desde o surgimento dos pelos pubianos, o aumento dos seios, até o despertar da puberdade, cujo interesse volta-se ao próprio corpo e ao corpo do outro. Deve-se levar em consideração o fato de nos depararmos com uma geração que está intrinsecamente ligada à era digital, podendo vir a buscar diferentes tipos de respostas para as questões cotidianas e descontentamentos, o que pode vir a ser prejudicial, visto que, frequentemente é possível encontrar imagens de corpos “perfeitos” sendo aclamados, levando a crenças distorcidas da realidade e proporcionando maiores frustrações e insatisfações, conforme aponta (LIRA et al., 2017).

Pesquisadores brasileiros, realizaram um trabalho investigativo com mais de 200 estudantes do estado de São Paulo, objetivando levantar constructos que correlacionassem a influência da mídia e o uso das redes sociais na estima da imagem corporal. Foi possível perceber que, a quantidade de acessos diários em plataformas como Facebook e Instagram corroboram significativamente para uma maior insatisfação corporal das pessoas (LIRA et al., p. 167, 2017).

Doravante, é possível perceber um poder exacerbado das mídias pelo advento da internet e das redes sociais, que vão exercer um papel persuasivo na fixação de padrões de beleza preconizados. Do mesmo modo, o processo de estigmatização advindo de uma sociedade embasada em padrões estéticos vão influenciar e reforçar a desvalorização do indivíduo quando não corresponde às expectativas. Portanto, ao se deparar com essa sociedade de aparências, o adolescente arrisca volatilizar-se na imagem em prol da aceitação e pertencimento a algum grupo

de pares, o que se torna ainda mais complexo sustentar uma imagem ideal ou, ilusória, visto que o adolescente está em constante processo de transformações (OLIVEIRA; MACHADO, 2021, p. 2664).

Diante da pesquisa e dos constructos teóricos supracitados é possível considerarmos a influência das redes sociais na associação de padrões de belezas, estabelecendo um ponto nodal que denuncia a influência das plataformas digitais no possível desenvolvimento de psicopatologias relacionadas à autoimagem e que dado o processo de construção da personalidade e do consumo incessante dos adolescentes, é possível pensarmos em uma maior frequência de acometimento e surgimento do Transtorno Dismórfico Corporal na adolescência.

5.3 ESTANCANDO A FERIDA DIGITAL: MANEJO E PREVENÇÃO DO TRANSTORNO.

Indivíduos acometidos pelo Transtorno Dismórfico Corporal (TDC) passam a não reconhecer o seu defeito como imperceptível ou inexistente, levando-o a possuir um comportamento perceptivo totalmente distorcido em relação a sua imagem corporal, engrandecendo uma preocupação com uma “anomalia imaginária” sobre uma possível imperfeição corporal identificada (BONFIM et al., 2016 apud CONRADO, 2019).

Entende-se que tais condutas são oriundas das influências que a nova geração, destacando o público juvenil, sofrem com a inserção na modernidade tal como as formas de usufruir as contribuições dos avanços tecnológicos, principalmente a imersão nas mídias sociais, colocando-os em uma posição de sujeição e exposição a espetacularização do culto ao corpo, acarretando opiniões e comportamentos totalmente persuadidos por esse contexto (ALVES, 2016 apud SOUZA; RIBEIRO, 2022).

Gonçalves e Martínez (2014) apontam em seu estudo que os indivíduos passam a admitir que são impactados pela mídia, que de uma forma inevitável, passam a comparar seus corpos com os modelos corporais revelados, adotando comportamentos de emagrecimento, hábitos excessivos de exercícios físicos, uso de cosméticos, maquiagens, intervenções cirúrgicas e outras práticas a fim de buscar o corpo idealizado. Em resposta, comportamentos são derivados da distorção cognitiva do ideal corpóreo gerado, podendo apresentar comportamentos de esquiva, evitando exposição a situações sociais e/ou, até mesmo, atos constantes de precauções frente ao medo de possíveis apontamentos aos aspectos físicos e estéticos (BONFIM, G. et al., 2016 apud RAMOS e AMARAL, 2004). Esses comportamentos

quando mantidos, podem trazer prejuízos a médio e longo prazo abrindo espaço para a consolidação de um repertório comportamental empobrecido, podendo ocasionar prejuízos no âmbito profissional, familiar, pessoal etc (BONFIM et al., 2016 apud CONRADO, 2009).

Vale ressaltar que encontra-se distintos transtornos psiquiátricos que acompanham os prejuízos do Transtorno Dismórfico Corporal, como por exemplo, o Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC), Fobia Social, depressão e ansiedade (Amâncio et al. 2002) . Dessa forma, é de suma importância ao buscar uma classificação psiquiátrica para com o indivíduo, que se realize uma boa avaliação no acompanhamento do quadro clínico, dado que, muitos indivíduos não apresentam apenas comportamentos relacionados a preocupações com a aparência, sendo comum, características que tangem outros transtornos (BONFIM et al., 2016 apud Mufaddel et al., 2013; Moriyama e Amaral, 2007).

Logo, na necessidade interventiva, estima-se que apenas 10% dos indivíduos que apresentam o transtorno recebem um atendimento apropriado, evidenciando pouca atenção ofertada pela literatura e rede assistencial (BONFIM et al., 2016 apud TORRES et al., 2005). Posto isso, é possível encontrar o tratamento psicofarmacológico como meio interventivo, sendo indicado a partir do diagnóstico respeitando os critérios presentes nos manuais, por exemplo, do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) e a Classificação Internacional de Doenças (CID).

Um estudo sobre a farmacologia no tratamento de pacientes com TOC (BONFIM et al., 2016 apud Marques, 2001) pode demonstrar que a utilização de antidepressivos (que por sua vez aumentam a função serotoninérgica, como os inibidores de recaptção de serotonina – Fluoxetina e Clomipramina, por exemplo) trouxeram melhoras significativas para os pacientes. O mesmo passou a ocorrer nos trabalhos que utilizaram inibidores de recaptção de serotonina (IRS) como tratamento para o TDC trazendo um resultado positivo frente às respostas dos pacientes. Contudo, não há uma regularidade nos resultados da farmacologia para o tratamento do transtorno (Amâncio et al., 2002).

Em contrapartida, quanto ao acompanhamento psicológico do indivíduo, apenas o diagnóstico se torna insuficiente para traçar os rumos das intervenções a serem feitas, devido ao fato de encontrarmos uma limitação frente a identificação dos comportamentos (respostas originadas por um estímulo) que o sujeito passa a emitir (Banaco et al., 2010). Partindo de um ponto de vista analítico-comportamental, consolidar um diagnóstico para o indivíduo não é compreender o problema existente, podendo ser, na melhor das hipóteses, um ponto de partida para que haja a compreensão daquele padrão de comportamentos que o indivíduo demonstra

(BONFIM et al., 2016 apud Aldinucci, 2011). Dessa forma, é de suma importância, através da ótica da Análise do Comportamento, que se compreenda as situações responsáveis pelo desenvolvimento e manutenção do padrão comportamental emitido pelo indivíduo, buscando delinear uma intervenção que seja apropriada para a resolução do problema (BONFIM et al., 2016 apud Moriyama e Amaral, 2007; Leonardi et al., 2012; Vilas Boas et al., 2012).

Levando em consideração a dificuldade em encontrar pesquisas que atestem possíveis intervenções para o TDC, torna-se de grande valia o desenvolvimento de pesquisas que mostrem a possibilidade de eficácia da Teoria Cognitivo-Comportamental (TCC) como uma possível ferramenta interventiva, uma vez que, a Teoria Cognitivo-Comportamental está sendo amplamente considerada como uma abordagem cognitiva da atualidade, a qual constitui uma junção de conceitos e técnicas cognitivo-comportamentais que vai se distinguindo conforme o enfoque predominante (Souza & Candido, 2010). A TCC, através de pesquisas e práticas clínicas tem mostrado grande eficácia na redução de sintomas e taxas de recorrência, com ou sem medicação, em uma variedade de transtornos psiquiátricos (REYES; FERMAN, 2017 apud Knapp & Beck, 2008), principalmente pelo fato de que a abordagem preconiza a ideia de que nossas cognições têm total influência sobre nosso comportamento, da mesma maneira que, o modo o qual agimos afeta significativamente nossas emoções e pensamentos (Wright, Basco & Thase, 2008).

Contudo, seria de grande relevância que houvesse uma comunicação interdisciplinar para que haja a criação de algumas modalidades integrativas direcionadas para intervenções. A mesma maneira, se faz necessário desenvolver tratamentos mais eficazes, visto que pacientes com esse transtorno tendem a apresentar um curso crônico de sintomas, qualidade de vida baixa e seu funcionamento ocupacional e social prejudicados (Diniz et al., 2013 apud BONFIM et al., 2016, p. 244).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do método de revisão narrativa, foi possível encontrar constructos que caracterizaram o transtorno apontando sintomas focais de vigília e monitoramento constante dos aspectos indesejáveis do corpo; prejuízos psicológicos depressivos e ansiosos devido às frustrações geradas; aspectos sociais de fuga e isolamento; fornecendo levantamentos integrativos da patologia, incluindo a historicidade evolutiva do Transtorno Dismórfico Corporal apresentado inicialmente enquanto Dismorfofobia, além da presente diferenciação no

acometimento destinado para cada gênero biológico em detrimento das exigências culturais e, portanto, sociais impostas. Bauman e Debord auxiliaram na compreensão social e econômica do TDC enquanto produto do funcionamento capitalista que transforma, sem critérios, aspectos e elementos humanos em produtos, até mesmo o corpo, provocando o desejo e a necessidade de adquirir produtos que prometem atingir as silhuetas atrativas na lógica performática da Sociedade do Espetáculo, se aproveitando da insatisfação e frustração constante presente na Sociedade Líquida.

As redes sociais aparecem como ferramentas que impactam diretamente no desenvolvimento do indivíduo, devido ao consumo constante dos possíveis modelos distorcidos e por vezes irreais, possuem potencial de manutenção do sofrimento dado o fluxo de retroalimentação dos conteúdos. Considerar tal hipótese, aponta para a necessidade de construção de intervenções no universo digital que tornem visível e consciente aos usuários os prejuízos de validação das distorções espetacularizadas, seja, como por exemplo, legendas indicativas da presença de manipulação nas imagens. Aplicativos como o *Instagram*, destina campos sutis que tornam visível a presença de filtros, entretanto, para além de funcionarem mais como uma galeria de divulgação das possibilidades de filtros, não evidenciam os prejuízos da utilização constante, nem mesmo do próprio aplicativo, dado a problemática de constância.

Para além dos apontamentos de intervenções farmacológicas que possuem possibilidade de eficácia nos sintomas depressivos e ansiosos que acompanham o transtorno, a Análise do Comportamento nos forneceu possibilidade clara de compreensão do funcionamento das redes sociais, bem como tornou evidente os mecanismos compensatórios de fuga, esquiva e camuflagem, como possivelmente utilizados como enfrentamento por indivíduos acometidos da patologia, na qual evidenciamos os prejuízos que acompanham tais estratégias comportamentais, levando ao possível consumo compulsório de produtos e intervenções estéticas que prometem camuflar e remover aspectos físicos dos incômodos e que podem contribuir para o distanciamento da característica nuclear: o ideal de beleza internalizado.

Por fim, cabe ressaltar a dificuldade de encontrarmos artigos que apontassem intervenções específicas para o Transtorno Dismórfico Corporal e a proposta de criação de pesquisas e publicação de estudos de caso que auxiliem profissionais da saúde a intervirem também de forma preventiva frente a possibilidade eminente no crescimento do acometimento de casos.

7. REFERÊNCIAS

- ASSUNÇÃO, S. S. **Dismorfia Muscular**. Revista Brasileira de Psiquiatria, n. 24, p. 80, 2002.
- ALMEIDA, M.; LEAHY, A.; MOREIRA, L. **Transtorno dismórfico corporal: uma revisão integrativa**. Resid Pediatr, v. 11, n. 3, p. 228, março, 2021.
- BASTOS, A. P. et al. **A influência das mídias sociais no Transtorno Dismórfico Corporal: Uma doença da era digital?** Revista científica de tocantins, v. 2, n. 2, p. 1–18, jun. 2022.
- BONFIM, G.; NASCIMENTO, I.; BORGES, N. **Transtorno Dismórfico Corporal: revisão da literatura**. Contextos Clínicos, v. 9, n. 2, 2 jun. 2016.
- CARNEIRO, C.; SILVA, A. B. **Estudo exploratório acerca do uso excessivo da internet por adolescentes**. XIIIEncoinfo – Encontro de Computação e Informática do Tocantins, jun. 2020.
- CORDEIRO, A. et al. **Revisão sistemática: uma revisão narrativa**. Comunicação Científica, v. 34, dez. 2007.
- DEBORD, G.; DOMENECK, R. **A sociedade do espetáculo**. Jerusalém: Revolta, 2013.
- DEBORD, G.; GUEDES, R. **A sociedade do espetáculo: Guy Debord (1931 - 1994)**. São Paulo: Coletivo Periferia, 2003.
- FERREIRA, F. DE P. **Implicações sociais da automação**. Revista de Administração de Empresas, v. 4, n. 13, p. 45–61, out. 1964.
- SERVIO, G.; RIGUES, R. **Metade da população mundial possui um smartphone, revela relatório**. Olhar Digital, jun, 2021.
- JUNQUEIRA, F.; FERREIRA FILHO, E.; LOPES, P.; SOUSA, E.; FONSECA, L. **A utilização das redes sociais para o fortalecimento das organizações**. Associação Educacional Dom Bosco, Resende – RJ, 2014.
- LARANJEIRAS, A. L. et al. **O uso excessivo das tecnologias digitais e seus impactos nas relações psicossociais em diferentes fases do desenvolvimento humano**. Ciências Biológicas e de Saúde Unit, v. 6, p. 166–176, maio 2021.
- LIRA, A. et al. **Uso de redes sociais, influência da mídia e insatisfação com a imagem corporal de adolescentes brasileiras**. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, v. 66, n. 3, p. 164–171, 1 jul. 2017.

MAZINE, R. **A relação entre a plataforma digital e o trabalhador: existe vínculo de emprego?** Centro Universitário de Curitiba, Curitiba – PR, 2021.

NARDI, H.; MELERE, C. **O papel da terapia cognitivo-comportamental na anorexia nervosa.** Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, v. 16, n. 1, p. 55–66, jun. 2014.

OLIVEIRA, A.; MACHADO, M. **Adolescência, cultura e sociedade do espetáculo.** Revista Observatório, v. 4, n. 2, p. 458–479, jun. 2018.

OLIVEIRA, M. C.; CAMILO, A.; ASSUNÇÃO, V. **Tribos urbanas como contexto de desenvolvimento de adolescentes:** relação com pares e negociação de diferenças. Temas em Psicologia da SBP, v. 11, n. 1, p. 61–75, 2003.

OLIVEIRA, M.; MACHADO, J. **O insustentável peso da autoimagem:** (re)apresentações na sociedade do espetáculo. Ciencia e Saude Coletiva, v. 26, n. 7, p. 2663–2672, 2021.

PAIVA, J.; OLIVEIRA, R. **A sociedade do espetáculo:** uma autotradução como crítica. non plus, n. 7, p. 139–155, 2015.

PHILLIPS, K. **Transtorno dismórfico corporal.**

QUIROGA, F.; VITALLE, M. S. **O adolescente e suas representações sociais:** apontamentos sobre a importância do contexto histórico. Physis Revista de Saúde Coletiva, v. 23, n. 3, p. 863–878, set. 2013.

REYES, A.; FERMANN, I. **Eficácia da terapia-cognitivo-comportamental no Transtorno de Ansiedade Generalizada.** Revista Brasileira de Terapias Cognitivas, v. 13, n. 1, p. 49–54, 2017.

SALINA-BRANDAO, Alessandra et al. **Transtorno dismórfico corporal: uma revisão da literatura.** Temas psicol., Ribeirão Preto, v. 19, n. 2, p. 525-540, dez. 2011. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2011000200015&lng=pt&nrm=iso>.

SILVA, R. **Amizade, diferença e educação:** reflexões a partir de Zygmunt Bauman. Educação and Realidade, v. 43, n. 1, p. 115–128, 2018.

SILVA, M; CARLINI, T; GALLAS, J. **A busca excessiva pela beleza.** Universidade de Balneário Camboriú, SC, 2010.

SILVA, R.; MENDES, J.; ALVES, R. **O conceito de líquido em Zygmunt Bauman:** contemporaneidade e produção de subjetividade. Athenea Digital, v. 15, n. 2, p. 249–264, 2015.

SILVEIRA, L.; LIMA, W. **Um breve histórico conceitual da Automação Industrial e Redes para Automação Industrial.** Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós Graduação em Engenharia Elétrica, Natal-RN, maio, 2003.

SOUZA, E.; RIBEIRO, J. **Mídias sociais:** A influência das redes sociais na percepção da autoimagem de adolescentes do sexo feminino. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 8, 12 jun. 2022.

ZAPPE, J.; AGLIO, D. **Adolescência em diferentes contextos de desenvolvimento: risco e proteção em uma perspectiva longitudinal.** *Revista de Psicologia, Porto Alegre*, v. 47, n 2, p. 99–110, 2016. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2016.2.21494>